N.º 207 (4.º)—(329)—7.º ANNO—Quinta-feira 29 de Outubro de 1914—Preço 2 cent.

Semanario de caricaturas a côres, critico e humoristico
Propriedade da Empreza do jornal **O Zé**
DIRECTOR E EDITOR
Estevão de Carvalho

Composto e Impresso
nas Officinas Graphicas do jornal **O Zé**
Rua do Poço dos Negros, 81-1.º
Trabalho colorido da **Lithographia Matta**
de Rosa & Ferreira — R. da Magdalena.

Successôr do jornal O XUÃO Redação e administração, Rua do Poço dos Negros, 81

La niña e a historia de Portugal

MONTANTE DE NUN'ALVARES
Historia de Portugal
A PÁ DA PADEIRA D'ALJUBARROTA
HESPANHA

... **Perco a cabeça e... raios me partam se não lh'a faço engulir!**

A INTENTONA MONARCHICA

Mais uma victoria da Republica

E' preciso a maxima energia para taes tartufos. O Povo assim o exige. Não pode continuar tanta benevolencia

A ultima tentativa realista patenteia uma tal falta de sentimentos que não pode deixar de por todos ser classificada como uma grande infamia. De facto só como infames e cobardes se afirmaram os *heroes* dos montes de Mafra, e como taes muito dignos serventuarios d'esse rei cagarola e imbecil que de ceroulas na mão fugiu a toda a velocidade d'um bom auto apenas se disparou o primeiro tiro de canhão contra o seu throno carcomido, precisamente na edade em que se offerece a vida a uns olhos lindos e sonhadores, em que se morre gloriosamente por um ideial.

Esses homens que trabalhando a soldo da reacção não duvidaram pegar em armas contra a Patria n'um momento em que d'esse facto podiam advir formidaveis complicações internacionaes merecem o maior castigo, para elles pedimos as penas mais severas. Basta de complacencia, de sentimentalismos que não se justificam nem se comprehendem. A Republica tem que se impôr como regimen de ordem e como tal não pode tolerar essas zaragatas periodicas que o cerebro de qualquer peralvilho que se julga afidalgado se lembre de pôr em pratica. É uma questão de honestidade governativa e é ainda uma necessidade de tranquillidade publica. Porque a verdade é que embora essa gente de forma alguma consiga abalar a Republica consegue comtudo levar a intranquillidade aos espiritos, promover o desassocego, fazer receiar o dia de amanhã.

A Republica tem que viver em ordem, deve garantir a tranquillidade na sociedade portugueza, de contrario estamos como nos ultimos tempos monarchicos em que a ameaça constante da revolução republicana tanto perturbou a vida publica. D'esse estado de espirito da sociedade se queixava o commerciante, se queixava o industrial e a Republica para seu bem, para garantia do seu futuro, tem que garantir ao commerciante e ao industrial como a todo o cidadão que a ordem será assegurada para que o commercio se desenvolva, a industria progrida e emfim para que se fomente toda a riqueza nacional. Tem a Republica procedido d'essa forma? Não Dizemo-l'o com pezar, mas dizemo-l'o com verdade. Se os governos houvessem castigado de principio com rigor e com firmeza as primeiras conspiraçõesinhas que appareceram á luz do dia não se teria seguido essa fita de intentonas que os realistas ha quatro annos fazem correr. É preciso que se lhe ponha termo. *Exigi-o o povo.* Sim, senhores dirigentes da Republica, é o povo que exige de vós que vos mostreis republicanos dignos e enthusiastas como elle o é. Sabeis que o povo começa enfadando-se com o vosso procedimento e se não accudis satisfazendo o seu desejo de vêr a Republica defendida e respeitada, elle hoje encolherá os hombros e amanhã voltar-lhe-ha as costas. É o inevitavel. Fazei o que elle quer, e elle que fez a Republica vê muito bem, na sua simplicidade, onde está o perigo para ella. O perigo está no grotesco, no ridiculo. Se a Republica cae no ridiculo ai d'ella, e se não lhe accudis já, quanto antes, ámanhã será tarde, a Republica perde o prestigio e então é que já não ha politica de attracão que a salve. Eis o caso.

Porque cahiu a monarchia? Foi o numero de baionetas que contra ella se levantaram que a derrubou? Bem conheceis a inferioridade numerica em que se encontravam os revoltosos. Não. Não foi o numero que deitou a terra o throno dos Braganças: foram os adeantamentos, foi o Credito Predial, foram as cartas de Fernando de Serpa etc., foi o descredito n'uma palavra. No paiz não havia espirito monarchico e por isso meia duzia de tiros poz a monarchia no chão. Ora bem: a Republica se continua no mesmo procedimento para com os conspiradores egualmente perderá o prestigio; não se tomará a serio um regimen que não consegue metter na ordem uma centena de bandidos que vilmente espreitam o melhor momento para traiçoeiramente lhe vibrarem uma punhalada mortal. Atacado o regimen republicano no grotesco, no ridiculo, nada o salva.

É agora o momento opportuno de começar mettendo na ordem os revolucionarios do *heroe* da Ericeira. Castigue-se com energia todos os rebeldes de Mafra que venham ás mãos da auctoridade e deixae-os cumprir até final a pena a que os tribunaes os condemnem. Para quê amnistias? Só servem para lhes dar alento, a unica vantagem é fazê-los crêr que ainda hoje dominam em Portugal. Sem duvida que a generosidade para com os vencidos deve ser um dos apanagios do homem que atingiu a civilisação superior do nosso seculo. Mas não se trata de adversarios, de inimigos, leaes e dignos de com elles cruzarmos as nossas armas. Nada d'isso.

Pois que fazem os paladinos revolucionarios da monarchia?

Dinamitam os caminhos de ferro, atiram bombas e dão descargas sobre comboios, cortam as linhas telegraphicas e telephonicas e premeditam assassinatos. Aventuras de bandoleiros, heroismos de salteadores de estrada e para cumulo da sua *valentia* logo que se vêem perseguidos, logo que presentem que terão de luctar cara a cara procedem como no Norte e como em Mafra: fogem!

Pode haver generosidade para gente d'esta? Que o diga o governo, que o digam os politicos que tanto se empenharam na amnistia que diziam elles «viria reconciliar a sociedade portugueza», que o digam emfim todos os dirigentes da Republica.

O governo actual que deu a amnistia *familiar* e *reconciliadora* tem toda a auctoridade para ser energico no castigo a dar a esses heroes de Villa Diogo.

Que saiba porem o governo que o povo apenas tem uma opinião: não pode vêr a Republica continuar no procedimento que tem tido até hoje para com os conspiradores; e um desejo: **castigo severo! nada de amnistias!**

Será verdade?

Não acreditamos, mas, como n'este malfadado paiz tudo é possivel, diz-se e com um certo cunho de verdade que o governo mandou um tal Homem Christo, que foi anarchista-republicano-socialista e que hoje é monarchista-arranjista, para Londres pois não precisava dos seus serviços. Se assim é, mal, muito mal andou o governo, pois tal creatura, que, certamente tinha conluio com os conspiradores ultimamente descobertos, não podia gosar o sol da Liberdade, elle que é um traidor á Patria.

Porque o não mandam para a Africa, assim como a todos os cabecilhas espalhados pelo paiz?

Se a Republica continua a prender só os pequenos e mandar em paz os trunfos taludos, então em breve colherá os louros da sua bella obra... misericordiosa.

O castigo deve ser severo e quanto mais alta fôr a cathegoria do individuo, tanto maior deve ser a sua condemnação. Sr. Bernardino Machado, nós que estamos completamente afastados da politica desde que rebentou a conflagração européa, só excepcionalmente tratamos hoje d'ella porque entendemos que o deviamos fazer, pois estamos convictos que temos auctoridade para elogiar ou censurar qualquer acto governativo. E este, a ser verdade é d'aquelles que entristecem e desanimam o mais corajoso o mais encarniçado republicano.

Ainda nos resta uma esperança; é que, foi apenas blague d'algum gracioso de mau gosto e ficamos esperando até á semana proxima.

Mal vae a Republica com taes processos.

Chronica em tempo de guerra

Interview sensacional—S. M. o Imperador do mundo
A obsessão dos jantares—Um novo cordeal todo mel e Amor...

BERLIM, 27.—Chama-se a isto bater o «record» das entrevistas jornalisticas: — entrevistei o *kaiser!*

Como?

Isso é segredo meu e por preço nenhum o revelarei a quem quer que seja.

Quem se gabará d'uma d'estas?

*

Ao chegar junto de Sua Magestade o Rei da Prussia e pretendente a Imperador do Mundo, entretinha-se o sobredito cujo a espetar bandeirinhas allemãs em todas as capitaes e terras mais importantes representadas, figurativamente, n'um globo geographico que tinha ante si.

E tão entretido estava que não deu pela minha chegada.

—Bruxellas, nossa... Belgica vencida... Fronteira da França... Paris..... ah! Paris! o jantar no *Maxim*...

Aqui Guilherme coçou no bigode.

Tossi para me fazer notado.

—O sr.? aqui? Quem é o senhor?

—Tranquillize-se, Magestade. Venho por uma entrevista...

—Entrevista? Oh! sympathico cavalheiro! Mas...

—... jornalistica, Magestade. Eu sou correspondente da imprensa...

—Ah! Jornalista? Julguei...

—Perfeitamente... Na Allemanha é costume... todavia, eu não gosto...

—Oh! por quem é...

—Não gosto, repito, de sahir da minha norma habitual e natural... Vossa Magestade deve achar-se, já, fatigado de tanta lucta, de tanta actividade dispendida estes ultimos mezes?...

—Eu? Eu não! Estou para la-

var e durar. Nem que seja toda a vida...

—E mais seis mezes... E pensa, Magestade, que este estado de guerra durará inda muito?

—De maneira alguma o creio. Dentro de dias entrarei em Paris...

—E janta, lá, com certeza?

—É do que tenho tenção. Fixo-me na França emquanto se invade a Russia e toda a Europa, pelo oriente. Nos meiados de novembro entro em Lisboa, n'essa republicasinha que tambem anda de ponta commigo...

—E porque não vae Vossa Magestade, ahi pelo S. Martinho, por occasião do vinho novo e da castanha assada?

—Sim? Hei de pensar n'isso... Lá p'ró Natal entro em Londres e proclamo a annexação da Europa com um jantar de arromba...

—Mas, permitta-me Vossa Magestade uma observação. Não tem receio de que esses jantares, assim, sejam demais?

—Não, isso não. É preciso cuidar da barriguinha, tambem...

—Se ella se fizesse *finoria*, *ultimatum* para cima, não acha, Magestade?

—Isso era pela certa. Tenho varios *ultimatuns* novinhos em folha, promptos a servir para as occasiões. Já viu este, destinado a Portugal?

Oh! Não.

—Então venha alli, ao meu *kiosque*.

Eu fui atraz d'elle e penetrei no *kiosque*, uma arrecadação de livros e documentos de valor, rodeada de segredos e armaduras de ferro.

—Leia.

E o que eu li era assombroso! O *kaiser* fazia Portagal comprometter-se a não se mexer emquanto Guilherme não viesse vêr se os jantares do Tavares valem a pena e o trabalho de cá vir, a ceder os homens de que os allemães precisassem para as suas necessidades dada a falta de homens que estão sentindo, etc., etc.

—Mas isto é medonho, Magestade.

—Não creio. Pelo menos o *señor* Dato não deu ainda a sua opinião sobre o caso para eu me basear.

E Guilherme levantou para cima dois pellos do bigode, que tinham descahido.

—E que diz V. Magestade a certas mutilações que fazem aos feridos inimigos, os enfermeiros e medicos allemães?

Mutilações? Ah! sim! Mas isso é do dominio secreto da cirurgia...

—Da cirurgia não; da pathologia...

—Seja como fôr. O que é verdade é que isso obedece á necessidade de fazer provizões para o futuro. Como sabe a borracha falha e está carissima. Os homens faltam... para as operações, e, então...

—Sim! Vão-se precavendo:—a natureza obriga...

*

Entendi que já tinha demais. Para uma entrevista com tão alta potencia, (se é que a tem), já era bastante.

Mas ainda quizemos concluir com uns esclarecimentos indispensaveis.

Sua Magestade estava bem disposta e tranquilla, felizmente.

E' escusado pintar o scenario que nos rodeiava. Armas, *zeppelins*, bombas, soldados descascando batatas, etc.

*

— Dizem que V. Magestade é o Ante-Christo. Será assim? No entanto não vemos...

— Que seja eu? Pois claro que não.

Aqui teve um inspiramento elevado. E prosseguiu:

— O Christo é que elles deviam dizer. Todo amor, carinho, fraternidade...

— Oh!

— Sim! bondade, fraternidade... Já viu alguma vez que assim se procedesse tão bondosamente como eu e os meus soldados, n'uma guerra como esta? Já viu alguma vez fraternidade egual?

— Ah! isso já!

— Como? Veja lá o que diz!

— Sim! Na minha terra ha muita *fróternidade* d'essa... E' até o que abunda mais!

O *kaiser* esbugalhou os olhos. E ia tendo uma crise furiosa.

— Mas de que terra é o senhor?

— Ora essa! Mas sou da terra das *quentes e boas* e do *Camões que era zarolho...*

—Da terra do Camões! Ah! patife! Ah! traidor! Ah! espião... A elle... A elle...

Os bigodes erriçaram-se-lhe. De todos os lados vinham selvagens, — oh! perdão! apostolos bondosos do novo Christo—e...

*

... e se não fujo tão depressa estava comido a estas horas... E é que me papavam se eu deixasse!

Livra!

Zé das Borras.

Por causa da guerra...

Os jornaes todos se esfalfam,
quer de noite quer de dia,
pregoando a carestia
de tudo cá na cidade;
e parece que ha razão
n'este grande espalhafato
pois nada temos barato,
tudo é caro, na verdade

E para bem confirmar,
este negocio da *trama*
um jornal de grande fama
que eu leio, mas sem excesso;
e que pugna com fervor
pelo bem da humanidade,
p'ra mostrar que diz verdade
tambem aumentou o preço.

Dá duas edições por dia
(por lhe faltar o papel
segundo o que nos diz êle)
e n'isto faz muito bem.
Porém as duas edições
que é menos que d'antes uma,
faltando o papel, em suma....
vendo as duas por um vintem!

Rosejano d'Amorim.

Os alimões

Ainda não lhe fizemos mal algum e eles já fuzilaram um sargento portuguez e alguns indigenas.

Agora dançam os cuamatos e os cuanhamas contra nós.

E no emtanto, *eles* vivem aí tranquilos com se nada houvesse!...

Hespanha insolente

Basta de chicana

Edurisa, colaborador d'este jornal e residente no Porto, publica no ultimo numero do *Zé* um violento artigo, um grito de revolta contra a Hespanha, contra os nossos visinhos, que n'este momento, n'um insolente proposito de ferir a alma nacional do nosso paiz, atira sobre os portuguezes toda a casta de insultos, insolencias que só a Hespanha reacionaria seria capaz de arrojar á face do Portugal de 1640.

E para que esse grito possa ecoar em cada recanto da nação, para que a alma d'este povo vibre n'um movimento de patriotismo, *Edurisa* lembra a *boycotage* a tudo que é hespanhol, generos, literatura, theatro, e um odio profundo a essa colonia que invadiu a nossa terra, e aqui vae lançando as bases para uma campanha de descredito, calumniando Portugal, secundando a sua imprensa contra o nosso paiz.

Edurisa com o seu protesto vehemente mostrou que possue um amor ao seu paiz, que o odio hespanhol contra nós tem que ser e deve ser castigado.

Portugal, pequeno, só, n'um momento em que as grandes nações luctam pela liberdade, ergue o seu brado a seus filhos, para que elles, reunidos em redor da sua bandeira, possam cumprir com a sua palavra, que importa a honra do seu nome glorioso.

E quando Portugal, pequeno, só, pretende realisar um movimento que o levará a honrar esse nome glorioso, a Hespanha desce ao insulto, á calumnia, á infamia, a caricatura ridicularisa o soldado, o exercito portuguez, a imprensa difama o nome de um paiz que tem um povo que jamais ofendeu essa nação onde ha frades de sandalias pelas ruas, e soldados nojentos, indisciplinados por toda a parte.

Galegos não, como *Edurisa* quer que sejam. Galegos suarentos, trabalhadores, amam este meu paiz, respeitam esta nação que para elles é mãe, emquanto a verdadeira mãe, a Hespanha, não passa de madrasta.

Não devemos descer ao insulto como elles, embora essa nação exporte carteiristas habilitadissimos e chulas devassas.

Cumpre a cada portuguez um papel superior ao insulto: — O desforço.

E se o momento não é propicio, se o paiz não o exige agora, o povo portuguez deve e sabe esperar, guardando na alma a grandeza da sua patria e não esquecer que o hespanhol é velhaco, insultando de longe, ameaçando com a invasão.

Boycotage?

Pois sim, que se faça. E a elles, que pretendem conquistar-nos, eu aconselho primeiro a tomada de *Gibraltar*, para que a Inglaterra não possa vingar-nos.

Tomem Gibraltar, heroes de Aljubarrota, e venham.

Portugal, pequeno, só, é demasiado grande para dar a cada hespanhol a lição necessaria a abater o seu ar de fanfarrão... com farroncas de zarzuela.

Vinicio.

Tem piada!

Uma noiva, domingo passado, foi á tourada.

Como recordação dessa tarde, trouxe de lá um par de ferros, o que causou riso a muita gente.

Olha a grande coisa...

Uma obra humanitaria e patriotica

Hoje mais do que nunca Portugal precisa de braços que trabalhem e de cerebros bem formados que pensem honestamente e com largueza de vistas. Vivendo sob o regimen republicano, disfrutando dos beneficios que caracterizam as instituições democraticas a Republica para alcançar o seu fim — o levantamento completo da Patria — preciza de cidadãos que hajam recebido uma educação que os habilite a bem servil'a orientando-os devidamente para que possam cumprir esse dever de patriotas. A *Obra Maternal* instituição particular mas modelarmente montada visa a preparar, a educar e instruir creanças de forma que amanhã possam sêr cidadãos prestaveis á Republica. E a este fim patriotico junta ainda a missão humanitaria de ir buscar essas creanças entre esses entes desgraçados que vagueiam pelas ruas sem pão nem caza. Que poderá haver de mais nobre e bello?

Que obra mais caritativa e proveitosa se poderá crear?

Pois bem a *Obra Maternal* vive apenas da quota dos seus protectores e para que ella viva e progrida é precizo que todos os nossos leitores se inscrevam como taes.

N'esse sentido escrevei hoje mesmo para a séde na Rua d'Arroyos 162. A quota mensal minima é de 100 reis (10 centavos).

Protegei os abandonados!

Canta-se

— Que o governo deu auctorisação a Homem Christo a ir para Londres.

— Que o magico foi para lá gosar os resultados da ultima intentona monarchica.

— Que o successôr da Restauração, será um jornal independente .. no titulo.

— Que o governo vae-se abaixo em bréve.

— Que certos politicos já estão com comichões.

— Que por essa razão não podem estar socegados.

— Que os aeroplanos vão ser desencaixotados.

— Que *O Zé* esteve para ser tambem assaltado.

— Que a razão era estar provado desde o tempo da monarchia as suas *sympathias* pela corôa.

— Que devido ás ditas sympathias, *O Xuão* antecessor d'*O Zé* soffreu inumeras querelas.

— Que ainda pelo mesmo motivo, pagou centenas de mil réis.

— Que *O Zé* nas suas paginas e columnas sempre *tem defendido* a causa monarchica.

— Que o camaleão da Rua Formosa, vulgo Seculo Comico, depois de muitas transformações vae passar a vender-se a 10 réis.

— Que o Collosso fez isto para matar *O Zé*.

— Que o magico não consegue o seu desejo, pois o publico conhece-o de ha muito.

— Que as suas ultimas trampolinices o deixaram bem a descoberto.

— Que ainda havemos de vêr *O Seculo* vender-se a 5 réis de manhã e com 8 paginas.

— Que só assim o publico o gramará novamente.

— Que mesmo assim será preciso ter *bichos*.

Um caso trivial

Um individuo que vende manteiga ali para o Loreto, trouxe de Vizeu uma criada.

A mulher que pelos modos é alemôa batia na rapariga com gana.

Esta quiz-se ir para a terra, mas não lhe pagavam, como era de combinação, a passagem nem o ordenado.

A' intervenção da autoridade, o manteigueiro mudou de pensar e,.. pagou...

VIVA A REPUBLICA! VIVA O POVO!

Mais uma vez te provei que podes sempre contar comigo. Agora, basta de benevolencia para tão infames traidores.

NA BRECHA

«A terra é boa, a gente é tola; a agua é deles e nós vendemos-lha.»
Carta de um cidadão de Tuy.

A colonia galaica é uma das mais numerosas e importantes de Lisboa.

Muitos cidadãos da Galiza vieram para Lisboa de tamancos e hoje possuem um bom peculeo.

Geralmente o galego é trabalhador e economico; nalguns essa economia é tão excessiva, que até se privam do necessario.

Ha em Lisboa grande numero de estabelecimentos pertencentes a galegos.

Estes empregam-se em todos os mistéres, ainda os mais rudes e trabalhosos: no comercio, na industria e em serviços domesticos e de toda a ordem os encontramos.... Até alguns exercem a profissão de proxoneta ..

Ha-os como serventes, nas repartições publicas, nos jornais como expedidores, cobradores e distribuidores, etc.

Emquanto esses estrangeiros se empregam facilmente, os nossos compatriotas andam por ahi anos e anos para conseguirem uma colocação.

Não são estes em geral menos laboriosos do que aqueles principalmente os oriundos das provincias, mas devemos notar que o galego infiltra-se na vida lisboeta, mercê do pessimo modo de vêr dos portuguezes, que deviam dar preferencia aos seus compatriotas.

Se da parte dos comerciantes e das empresas industriais genuinamente portuguezas, houvesse alguma reflexão, certamente que empregariam nos seus serviços, primeiro que tudo, os filhos da nossa terra, que possuem as mesmas qualidades dos cidadãos da Galicia e como eles teem a preserverança no trabalho e a sua honestidade não lhes fica em plano inferior.

A lenda de que o galego é mais honesto do que o portuguez, já passou e hoje é sabido que entre uns e outros *ha bom e mau*, como sucede em todas as classes sociais...

Convém ponderar este ponto: é preciso que aqueles que empregam individuos ao seu serviço, se lembrem que em primeiro lugar devem estar os nossos compatriotas, por que são filhos da nossa terra, com quem devemos contar em todas as situações.

Não pretendemos menosprezar os filhos da Galiza, muito dignos e muito honestos; mas parece-nos uma medida economica de um grande alcance, dar-se preferencia aos nossos, no desempenho de funções que ora são desempenhadas...

Os trinta mil galegos que em Lisboa exercem muitos e variados mistéres, na sua maioria mandam para a terra o producto da sua economia.

A sua acção no trabalho do nosso paiz torna-se talvez negativa, porque esse dinheiro que sae pelas fronteiras, raro volta.

E' verdade que muitos individuos d'aquela região hespanhola, estabelecem-se aqui, adoptando como sua patria a terra onde arranjam bem a vidinha; porém esses mesmos é muito raros que não mandem dinheiro para a sua terra, onde possuem boas propriedades, compradas com o dinheiro aqui ganho!

A vida está muito má e a crise do trabalho pesa sobre os trabalhadores.

Nestes termos, sem que pretendamos que se estabeleça o exclusivismo do trabalho nacional só para os portuguezes, estes devem em igualdade de circunstancias ser preferidos aos individuos de outras nacionalidades.

E' certo que as industrias mais importantes do paiz, estão nas mãos de estrangeiros.

Até não ha muitos anos as casas de jogo do Estoril e do Dafundo eram exploradas por estrangeiros e os capitalistas espanhoes no Estoril em tres mezes mandaram para o seu paiz, cerca de 160 contos!

O que é que recebemos em compensação de Espanha?

Carteiristas, niñas de reputação duvidosa, e outras entidades sem qualidades aproveitaveis.

Lisboa, é o Brazil dos galegos e até dos Leandros, que nos exploram sem vantagens apreciaveis para o país, que mantem em seu seio milhares de estrangeiros, que amanhã podem prestar optimos serviços á Espanha nos casos de uma proxima ou longiqua guerra.

•

Diz um jornal *di cà*:

«A victoria dos austros-alemães importaria, *pelo menos*, a perda inevitavel do dominio colonial e a mais afrontosa tutéla que jamais pesou sobre uma nação, se, porventura, e em homenagem aos sentimentos germanofilos de certos elementos da politica hespanhola, a Alemanha não deliberasse sacrificar-nos á Hespanha, repartindo ambas o bôlo colonial.»

Só da politica espanhola, colega?

E da politica portugueza, não?

Olhe que por cá ha tambem quem admire e se curve aos efeitos do canhão 42.

Até nos consta que um jornal que para ai ha é colaborado por um alemão.

•

Um jornal provinciano, publica o seguinte:

«Ha doze mezes—é de pasmar! — que gemem sob os ferros da Republica uns pobres diabos que andaram na praia das Maçãs a armar um *afonsidio*... pirotecnico, para entreter o porteguezinho basbaque.

Está-se a vêr que isto é modelo marroquino: desgraçado que entra no carcere por simples arbitrio dos espiões do... Sultão — é como pedra em poço.

Mas quererá a Republica Portugueza moldar os seus processos de fazer justiça pelos de Muley... coisas?!. .

Evidentemente que não.»

Não será por certo *o arbitrio* que ha de concorrer para o prestigio da autoridade e vigor das instituições; mas... o arbitrio em todos os tempos foi um meio, embora mal se justifique... a não ser em casos muito excepcionaes...

•

Sem duvida que os alemães ha muito se preparavam para a guerra, uzando de todos os meios de espionagem.

Na invasão do Luxemburgo, eram guiados por um individuo que ha cerca de 12 anos ali exercia o oficio de pedreiro e espia

Em Genéve (Suissa) foi preso um alemão que exercia a espionagem.

Nos seus papeis encontraram-lhe uma nota contendo relação das pessoas mais ricas, outra com o nome das pessoas que deviam ser presas como refens.

Alem disso, encontraram-lhe documentos varios respeitantes á cidade de Geneve, contendo outras informações.

•

Outro jornal provinciano, fez os seguintes reparos:

«Consta que a expedição portugueza destinada aos campos da Batalha, em França, só partirá d'aqui a dois mezes, porque necessita primeiro exercitar-se bem antes de partir, a exemplo, dizem, do que fazem os exercitos francêses e ingleses antes de seguirem para o combate.

E nós a julgar-mos que o exercito portuguès estava perfeitamente preparado devidamente exercitado a entrar em lucta, á primeira chamada!...

Mas afinal para que tanto exercio, para que tanto dinheiro gasto em escolas de repetição, se ainda agora, no momento critico, é mister exercitarem-se antes de partir?

Não percebemos».

Não percebe, colega!... E' bom de perceber.

As reformas militares entre nós teem-se limitado a aumento de quadros e promoções!

Acha pouco?

A Servia, o Montenegro, a Bulgaria, a Roumania, a Suecia, a Noruega, a Dinamarca e a Suissa, que não teem colonias nem os nossos recursos, possuem exercitos adextrados, promtos e nós possuimos largos quadros de oficiais e estes são tantos que desempenham funções de administradores, gov. civis, deputados, e outras comissões civis!...

Jean Jacques.

Sabino Correia, socio-gerente do Chiado Terrasse

Passou hontem mais um anniversario este elegante *cine*, decerto o preferido pelo publico,

Deu-nos a empreza um *film* de grande valor artistico intitulado **A Rainha Margôt**, que o publico acolheu com gosto. O sextetto mimoseou-nos com differentes peças de conhecidos auctores, o que fez o deleite do grande publico que ali se via.

A empreza e a todo o pessoal os nossos parabens por vêr assim passar mais um anno sempre na melhor das marés. Ao nosso amigo Sabino Correia um apertado abraço.

Em redor dos factos

Portugal derrota a Allemanha...

Barbaros, assassinos, incendiarios, avançando na sua tragica e desoladora carreira de crime, os allemães caminham matando, cavando a ruina da Europa inteira, saqueando, destruindo para gloria de um imperador sangrento e fatal.

Tombando, morrendo, o seu exercito invencivel, é rechaçado.

Mas primeiro que tombe, a sua queda é estrondosa, porque arrasta o bello, a arte, e tambem milhares de milhares de vidas, morrendo pela liberdade uns, outros pela sede do sangue, e que não surgem nunca mais para invocar a gloria que deslumbra, que fanatisa, mas que hão de ficar como o fantasma do remorso, da infinita dôr, pairando sobre essa Allemanha de horror, sobre esse imperador de crueldade.

E lá para as bandas da França em ruinas, de Liége vencida, de Antuerpia tomada, os allemães, n'um impeto de furia, vão minando, devastando as riquezas extraordinarias, deslumbradoras, espalhando o terror que a civilisação condemna, guiados por um homem que a Historia assignalará com uma nodoa de sangue immensa, formidavel, de opressão, emocionante de tirania.

Portugal, o paiz das glorias passadas, o torrão abençoado que um sol bemdito aquece, não podia ficar no rimanso, porque em peito de portuguez o coração não paralisou, nem se olvidou jámais o seu grande amor pela liberdade.

E porque a nossa aliança com a Inglaterra o obriga a compromissos que a Historia registará e hão de pezar no final do ajuste de contas, elle vae proclamar ao seu povo qual o sacrificio que se exige, enorme talvez para um povo pequeno, mas sublime para um paiz de feitos grandes.

A Allemanha não se aterrorisará ao saber que Portugal vae levar o seu pequeno auxilio, modesto mas valoroso.

A Allemanha continuará pois escarnecendo da neutralidade, distruindo bellezas assombradoras, assassinando, envenenando feridos.

Tudo isto ella levará a cabo com serenidade.

Mas o que ninguem contestará é que esse colosso do crime temeu o nosso paiz, a ira do nosso povo, a revolta da *rua*, que ainda é de temer-se.

Se é facto que a grande aguia se eleva nos paizes em guerra, e mata, e assassina, segura da impunidade, sem temer o poder divino, em Portugal, em Lisboa ella abateu, cahiu, foi acolher-se ás côres da nossa bandeira, que é a bandeira de Portugal, da Republica Portugueza.

E assim, é digno de ver-se, como prova da fraqueza allemã, no receio de um povo livre que se revolte, a substituição significativa, astuciosa, feita nas... carroças da Cervejaria Germania, onde antigamente se ostentava a Aguia negra, atravessando Lisboa, nos carros da cerveja, e hoje encoberta pelo modesto letreiro, *Sociedade Portugueza Germania*, a letras verdes e encarnadas!

Portugal venceu a Allemanha... nas carroças!

André Deed.

Ultimas Noticias

(Do nosso correspondente especialissimo)

A GUERRA

O Vistula atravessado

PETROGRADO, 26.— Consta aqui, que os *allamanhões* atravessaram o Vistula, grande rio.—C

Desmentido

PETROGRADO, 26, ás 0.— Sabe-se que não foi o Vistula, grande rio, mas o *Viste-lo?*» celebre carteirista, que foi atravessado por uma balla de 42.— C.

Um alto cerebro na guerra

BORDÉOS, 26.— O governo sabe que sua excellencia o sr. Nónes da Matta, á semelhança dos seus collegas Gabriel d'Annunzio e Gorky, pensa em vir aos campos da batalha, tomar notas para uma tragédia em um quarteirão de actos e meio cento de quadros bellicos e flammantes. Entre as personagens, entram vinte «jasuitas» quatorze policias da esquadra do patio de Dom Fradique e o «Zé Gordo» do Rocio.

Vae ser uma coisa medonha. — C.

Uma fita

PARIZ, 27. — Sabino Correia Junior encommendou uma fita da guerra de cerca de dezoito légoas de comprimento ou (18×5000m) noventa mil metros.

Mas que fita!... C.

O que será?

LUNABURGO, 27, (Febelandia). — Vê-se daqui, por um oculo, pairando por cima da peninsula iberica uma coisa arredondada e negra, muito grande. Será um «Zeppelin«? — C,

Confirmação

LUNABURGO, 27 (Phebelandia) — Acaba-se de receber communicação do observatório astronòmico de que o que pairava na atmosphera da Luzitania era o chapeu alto, velho, do sr. cordeal. Ha completa satisfação.—

CACILHOLANDIA, Paio Pires, 27, — Constando que S. M. o Kaiser não pode dormir e padece de insomnias, os germanophilos, daqui pensam em mandar-lhe quatro saccas de amendoim, torrado, que é muito bom para fazer dormir.—C.

A tunantagem

No restaurant Alfaia. T. da Queimada, juntam-se ali individuos que urge que a policia deve vigiar.

Ha dias entrou ali um guarda portão, que mora na R. do Diario de Noticias. O homem já ia um pouco embriegado.

Quando subia a sua escada, dois meninos que estavam no Alfaia, subiram com o fim de lhe limpar a corrente do relogio.

Se o não fizeram, foi porque a mulher do guarda portão veio com luz á escada e se poz a gritar.

Memorias dum aviador no teatro da guerra

Uma bela tarde, depois de jantar, como não tivesse nada que fazer, meti-me n'um eletrico para a P. do Rio de Janeiro e desembarquei em Paris.

Fui-me logo oferecer ao estado maior francez para cooperar como aviador no teatro da guerra e apresentei as minhas habilitações: não sabia o que era um aeroplano e nunca tinha subido.

Em compensação ia aos ares quando me chegavam a mostarda ás ventas.

Este ultimo argumento calou no animo dos generaes e n'um instante era-me fornecido um aeroplano portatil juntamente com uma passagem em *fourgon* de primeira classe de tres riscos, isto é, em classe cento e onze, para a fronteira. Agradeci, e metendo na carteira o aeroplano e o bilhete fui a casa e disse á criada que pozesse o chá ao fogo e passadas duas moedas falsas de 5 *camôchos* que eu tinha, achava-me no teatro da guerra. Depois de comprar uma geral, entrei.

O que se ségue, é uma copia das minhas memorias que ia escrevendo em mortalhas Zig-Zag.

1.º DIA. Estamos acampados debaixo da cama do *maire* da cidade de Cacilhas-les-Bains.

Recebemos por meio das maçanetas um radiograma. Os alemães estão tentando um movimento envolvente. Já tomaram Vaso das Aflições. Tenho de partir. Levo o aeroplano, pelo braço, para a Cama e faço a *décolage* (em portuguez *descolagem).*

A uma altitude de 2.000m abaixo do sólo, observo o que os alemães estão fazendo. Lá vão fuzilar um percevejo. Vou salva-lo!

Lanço uma bomba. Morreu tudo!

O percevejo ainda está para saber quem o matou.

Meto o motor em 2.ª velocidade e chego ao Lavatorio. Diabo! O aeroplano vai caindo! Estou perdido! Caio dentro d'agua.

Um contra-torpedeiro suisso que *jardinava* por aqueles lados pescou-me. Depois de limpar o aeroplano com o «Diario das Sessões», que é o melhor para limpar metaes, elevo-me e chego ao quartel general.

Bebo um capilé de 10 réis e falo com varios *magalas.* Pernoito ahi, depois de dar agua e cevada ao aeroplano.

2.º DIA. A manhã está fria como burro. Incumbiram-me de cortar a linha de batalha que se estende desde a Mesa de Cabeceira até ao Regedor. Subo e lanço quatro grosas de *laranginhas* sem resultado. Não acho maneira de cortar a linha. Espera já sei. Desço e com uma tezoura do Zé Clemente corto a celebre linha.

Bólas! Lá fui catrafilado. Estou prisioneiro, tres corpos de exercito guardam-me á vista.

Para me verem melhor puzeram-me no candieiro do gaz e acenderam-no. Diabos levem a ideia daqueles *mécos!* D'aqui a pouco fico assado.

Para me distrair tiro da algibeira o F. João Môcho e leio em voz alta o primeiro ato. Leio o segundo. Leio o terceiro. Ao chegar ao principio do quarto, ólho para os *taratas.* Estão a tremer, Bumba! Lá cairam atacados de doença do somno.

Rapazes! Estou livre! Descalço as botas, faço a barba e saco da algibeira esquerda das calças um *zepplin* com uma barquinha e jardim d'inverno. Faço trabalhar o motor, apago a luz e escapo-me.

Chego ao Vaso das Aflições que ainda estava tomado pelos alemães.

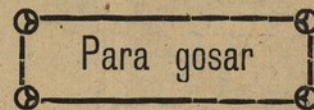
Não tendo bombas esvasiei o meu *zepplin.* O gaz em contacto com o ar liquefez-se e alagou os germanicos. Chega um esquadrão alemão do 7.º corpo de pulgaria montada. Morre tudo! Como a noite se aproxima vou amarrar o meu *zepplin* á chave do Toilette.

3.º DIA. Levanto ferro e por desgraça trago a chave, deixando fechados no Toilette 3 000 corpos de exercito de tropas francezas. Tento voltar mas a Porta abre-se e entra uma rajada de vento a cavalo que me impele d'encontro ao Regador. Lá se incendiou o gaz! Bonito! Fico queimado!

Estou morto e reduzido o esqueleto a carvão. Uma patrulha alemã de rataria do *landsturm* (em portuguez *estrume da terra)* prendeu-me e interoga-me.

Como não ligo importancia aos *gajos,* atiram-me á cabeça com *chá para ella* — perdão! — com um *schrapnell* e fico reduzido a pó.

24-10-1914.

Napus Leo.

Theatros

Gynasio: Continua em scena n'este theatro a deliciosa comedia *«O Pato»* explendido exito de gargalhada o novo successo da actualidade.

Coliseu: Não cessa a apresentação de novidades, authenticas maravilhas, que vêem realçar ainda mais a companhia de circo. A collecção de cães Tenoff é muito interessante e a grande celebridade Bright, saltador sobre as mãos egualmente agradou por completo. E' pois muito completa e de grande valôr a actual companhia de circo.

Eden: Parte para o Porto a companhia d'este theatro e por isso dá uns espectaculos de despedida com o melhor do seu reportorio. Hoje o *«Amôr de Principe»* em deslumbrante recita da moda com a jovial Pilar Monteiro no papel de Chiffon. No domingo realisa-se o 3.º concerto e grande orchestra com um programma do maior valôr e preparando-se grandes melhoramentos na orchestra.

Rua dos Condes: A revista *«Peço desculpa»* que sobe á scena n'este theatro está destinada a longa permanencia no cartaz pois tem piada bôa, musica agradavel e actrizes queridas do publico destacando-se Emilia Romo, Maria Alice, Maria Fonseca e o impagavel Alfredo Silva.

Nacional: Prepara-se n'este theatro uma epocha brilhante com um reportorio onde figuram as primeiras peças extrangeiras e originaes portuguezes dos nossos primeiros dramaturgos.

S. Carlos: Funciona n'este theatro a bella companhia do Republica.

Trindade: O episodio patriotico *«Avante Francezes»*.

Cines

Trindad: e para breve O Rocambole. O maior prodigio da actualidade. 26 volumes de Ponson du Terrail em fita.

Olympia: Matinées ás 5.as Concertas e fitas de primeira ordem

Terrasse: Sessões variadas todas as noites.

Central: Explendidos programmas.

Anjos: Theatro, variedades e fitas.

NUESTROS HERMANOS

Outra vez o **Blanco y Negro**

— ¿ Me da usted medio billete para ir al campo de batalla ?
— ¿ Quién te ha dado el dinero, creatura ?
— Me convidan unos amigos.

(Do *Blanco y Negro*)

Apuntes Comicos
BILLETES
PORTUGAL

Se ha enganado el *Blanco y Negro*. Los portuguezes se vão al campo de batalla, montados en los asnos dos españoles !

De **El Mundo Grafico**

«Seus bons **2500** homens — o normando é claro, é nosso — vae enviar Portugal para o reforço das linhas alliadas, 2:500 homens que somem a respeitavel quantidade de 10:000 sapatos — arre que são burros e malcriados os **magicos**—a quatro por homem, já que cada um leva um par de reserva na mochila, que empregarão a maioria das vezes como arma de defeza, dada a classe de inimigo que terão pela frente».

Tiene razon el *Mundo Grafico*; los 2.500 portuguezes sienten necessidad de los 10.000 sapatones para las 10.000 patas de los asnos de los españoles
Mira husted !